

PROJETO DE EXTENSÃO PIN E SUA MULTIPLICIDADE DE AÇÕES: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Alfeu Rodrigues de Araújo Filho

alfeu-araujo@uol.com.br

Universidade Estadual de Maringá

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo descrever a origem, ações e resultados do Projeto de Extensão PIN – Plano como INstrumento de INformação, INclusão e INterdisciplinaridade dentro da estrutura triádica universitária: ensino, pesquisa e extensão. Utiliza o piano como instrumento de apoio, ratificando os atuais parâmetros educacionais através do aprendizado de caráter coletivo. Com enfoque ao desenvolvimento do indivíduo, o projeto dialoga com a valorização do fator social (INclusão) e na construção do conhecimento (INformação e INterdisciplinaridade), fortalecendo o significado de seu título. O processo metodológico está alicerçado nas pesquisas de José Alberto Kaplan¹ (1935/2009) e Antonio Sá Pereira ² (1888/1966).

Palavras Chaves: Projeto PIN. Música. Educação.

Introdução:

A descrição será organizada com um breve relato sobre a origem e objetivos do Projeto. Na sequência, ações de ensino, pesquisa e extensão, finalizando com a apresentação de referências metodológicas e bibliográficas.

Projeto PIN: Origem

O Projeto PIN teve sua origem em 05 de maio de 2016, na Universidade Estadual de Maringá no Estado do Paraná, através da contratação do primeiro professor efetivo de piano do Departamento de Música. Sua existência tem como objetivos: atualizar a participação do piano de forma contemporânea dentro do processo de educação musical; atender a demanda interna e externa de todas as idades; atrelar as múltiplas ações em

¹ Nasceu em Rosário, Argentina. Pianista, professor, compositor e regente. Estudou piano com Arminda Canteros (Rosário – Argentina), Ruwin Erlich (Buenos Aires – Argentina), Nikita Magaloff (Genebra – Suíça) e Wladyslaw Kedra (Viena – Áustria); composição e regência orquestral com Julián Bautista (Buenos Aires) e George Byrd (Salvador – Bahia), respectivamente.

² Natural de Salvador (BA) foi um importante pianista, educador musical, escritor e compositor.

conjunto com os alunos regulares do departamento de música, contribuindo na sua formação profissional através da monitoria; oferecer o conhecimento de profissionais da área de piano do departamento de música (DMU) nas ações do EPG (Ensino de Piano em Grupo); Co-repetição ou Prática Colaborativa; Piano Complementar, Piano Harmônico, entre outros. Vale ressaltar que o DMU possui um laboratório de pianos digitais com 11 instrumentos, confirmando que “o laboratório de teclados/piano eletrônicos é uma das condições necessárias para a prática do EPG” (REINOSO, 2012, p.24); assim como “o processo ensino/aprendizagem é enriquecido pela variedade de idéias, fruto da interação e dinâmica do grupo”. (GONÇALVES & MERHY, 1986, p.223).

Ações de Ensino

Começamos por salientar que a aula de instrumento pode ter dupla função: servir tanto como meio de conhecimento musical quanto para desenvolver a competência do instrumento, a execução *per si*. Uma de caráter educativo e a outra de caráter performático.

A ação do ensino/aprendizado em grupos de teclados encaixa-se na primeira função, colocando a educação como eixo central da abordagem pedagógica, transformando o professor de piano em educador musical, grande transformação inserida na segunda metade do século XX e que, segundo Montandon, é

apresentada como ‘solução inovadora’ em oposição à aula de piano individual denominada de ‘tradicional’ e definida como aquela com o objetivo exclusivo de formar o concertista e concentrada no desempenho técnico e virtuosístico do aluno. (MONTANDON, 1995, p.67).

Neste contexto as ações de ensino foram direcionadas para o processo de alfabetização musical, procedimentos básicos da técnica instrumental, educação auditiva e sensibilidade corporal.

A escolha de repertório representou um guia de elementos teóricos, apresentando, de forma gradativa: figuras rítmicas; claves de sol e de fá; fórmula de compasso; notas musicais; terminologias de intensidade; dedilhado; entre outros, contribuindo no desenvolvimento da alfabetização musical. Outro fator relevante está na

diversidade de procedimentos musicais através de diferentes tipos de escrita, alimentando no estudante o interesse pelo novo, criando um motivo que desperte o prazer pela procura, aprendizado e consequente mudança, evitando a fadiga de um estudo calcado em um repertório sem novas expectativas.

Qualquer tipo de aprendizagem – motora, de compreensão de conceitos, etc. – só se realiza através da atividade do aprendiz, que precisa de *motivos* para levá-la a cabo. (...) Incentivar a aprendizagem é colocar o aluno em situações que provoquem no seu psiquismo as fontes de energia interna – *os motivos* – que o levarão a estudar com interesse e prazer. (KAPLAN, 1987, p62-64).

Priorizando dois itens básicos da técnica de execução instrumental como atenção da leitura na partitura e individualidade dos dedos, o repertório foi predominantemente baseado no pentacorde. Há mudança de pentacorde, porém, não há deslocamento das mãos. Como temos cinco notas para cinco dedos, uma vez posicionado, o aluno pode fixar sua atenção na partitura, desenvolvendo o senso de localização, evitando olhar para o teclado, péssimo hábito para uma leitura dinâmica.

O tempo que se gasta transportando o olhar, da página de música para o teclado, e deste novamente para a peça em estudo, todo o tempo gasto neste duplo percurso é tempo roubado à leitura, fatalmente mutilada por inúmeras interrupções, surpresas e hesitações. (...) Valendo-se unicamente da vista, o aluno não desenvolve o “senso de distância”, não adquire um seguro conhecimento do teclado e, em consequência, não aprende a localizar-se com segurança. (SÁ PEREIRA, 1964, p.16).

A inserção dos cinco dedos, de forma imediata, é outro fator que qualifica o repertório baseado no pentacorde. No geral, utilizamos as mãos através do reflexo que é uma resposta invariável a um estímulo definido, entretanto a execução pianística exige a individualidade da articulação dos dedos, estimulando o aprendizado do movimento voluntário, aquele que reclama a intervenção consciente de quem o realiza.

Sendo um tipo de ação da qual participam as estruturas neurológicas, musculares e ósseas do indivíduo, podemos dizer que o movimento voluntário é a manifestação periférica de um processo que tem sua origem e controle no cérebro e no sistema nervoso central e que obedece a uma necessidade do indivíduo que o realiza. (...) é o tipo de movimento utilizado no ato da aprendizagem instrumental. (KAPLAN, 1987, p.30).

A ação da performance exige refinada conexão entre instrumento e instrumentista, por este motivo o estímulo da leitura corporal representa um dos

caminhos para que possamos obter o melhor encaixe no teclado, lembrando que o piano está pronto, quem não está é o executante. Neste contexto, ratificamos que o estudo instrumental tem como uma das principais fontes de pesquisa o estudo das nossas próprias percepções corporais, sendo este o instrumento ativo, adaptável e flexível.

Consciência corporal, em associação com a educação auditiva, representa um importante recurso para uma resposta sonora qualitativa, uma vez que não existe corpo ruim com boa sonoridade, assim como não haverá corpo harmonioso com sonoridade inadequada. Ouvir e sentir são instrumentos eficientes, ativos e despertam a ação viva e reflexiva de quem realiza.

Segundo Egon Petri (1881-1962), reconhecido pianista clássico “se tens que abrir uma porta e possuis a chave errada, não tentes abrí-la, pois o único que conseguirás é estragar a fechadura e a chave. Melhor procurar aquela que se ajuste à fechadura...” (KAPLAN, 1976, p.4).

Neste contexto, as primeiras obras oferecidas ao grupo de estudantes não apresentaram nenhuma informação sobre dinâmica ou sonoridade. O objetivo foi estimular no instrumentista o equilíbrio da articulação dos cinco dedos, procurando a manutenção da mesma energia, exigindo do intérprete consciência corporal e atenção ao resultado sonoro. Adquirido este equilíbrio, novos horizontes foram expandidos, atribuindo obras com as primeiras referências de dinâmica baseada nos extremos: *F* e *p*. O aprendizado dos extremos serviu como um guia para a criação de sonoridades intermediárias como *mf*, *PP*, *cresc.* e *dim.*, facilitando o raciocínio pedagógico na conquista das relações sonoras.

Tais procedimentos de ensino ocorreram nas práticas do Ensino de Piano em Grupo, entretanto o projeto abrigou, com a equipe de professores temporários, leitura à primeira vista, piano colaborativo e música de câmara, cuja descrição não será relatada no referido trabalho.

Até o presente momento o projeto contou com a participação de quatro discentes do curso de graduação em instrumento como monitores, aprendendo recursos metodológicos, organizando material didático e procedimentos da ação docente.

Ações de Pesquisa

Na continuidade das ações do Projeto PIN, partimos para sua atuação no campo da pesquisa, demonstrando a importância do olhar científico na descoberta e disseminação da informação. Neste item, vale uma citação de Leonardo Da Vinci em seu Tratado de Pintura:

Os que se empenham em práticas sem ciência são como navegantes sem bússola nem leme, que não sabem jamais, com certeza, para onde se encaminham. (...) A prática deve estar sempre edificada sobre a boa teoria. (KAPLAN, 1966, p.7).

Promoveu diálogo com o projeto “Educação Musical, Escola e Comunidade”, integrando os docentes no curso sobre “Estudos sobre o ensino coletivo de instrumentos musicais”.

O projeto esteve presente em forma de comunicação oral e publicação nos anais dos seguintes eventos científicos:

- IV Performa Clavis Internacional 2016 (UNESP) – ISBN: 978-85-62309-26-7, intitulado “Mikrokosmos de Béla Bartók – performance – um caminho para a contemporaneidade”, fruto de um relato de experiência de uma das ações desenvolvidas em uma turma de um curso de extensão;
- 15º Fórum de Extensão e Cultura – FOREXT UEM 2017 (UEM), intitulado “PIN: Plano como INstrumento de INformação, INclusão e INterdisciplinaridade”, tendo a participação do coordenador e um monitor.

Ações de Extensão

Constam em suas ações extencionistas:

- Quatro cursos de extensão intitulados “Alfabetização musical através do teclado”. Módulos de três a quatro meses com duas turmas específicas: 18 a 35 anos e terceira idade;
- Um curso de extensão intitulado “Iniciação ao piano” com duração de cinco meses;

- Dois cursos de extensão intitulados “Preparação e prática de repertório – música de câmara/correpetição” com duração de seis meses;
- Dois eventos de extensão: “Piano em Foco” e “Piano a muitas mãos”. O primeiro, ratificando a importância do aprendizado através da ação prática com um concerto de piano solo realizado por um professor efetivo de uma IES do Estado do Paraná, o segundo, um masterclass com estudantes e professores de Maringá e região.

Acolhendo todas as ações descritas, o projeto contou com a participação de um docente efetivo e coordenador do projeto, dois professores temporários, um técnico administrativo, quatro discentes monitores e 243 participantes da comunidade interna e externa.

Considerações Finais

Com enfoque na junção do desenvolvimento social e construção da informação, o projeto projetou sua existência nas seguintes referências metodológicas:

- Valorização da inter-relação dos indivíduos, indispensável para a construção das funções psicológicas, lembrando que o trabalho coletivo é uma excelente oportunidade para ouvir e ser ouvido;
- O ensino por imitação como caminho da razão;
- A motivação no aprendizado com atividades lúdicas, facilitando a assimilação de conceitos através de brincadeiras e jogos;
- O professor como mediador, provocando a construção da informação dentro de um ambiente democrático;
- Flexibilidade em relacionar a tradição com os novos mecanismos educacionais;
- A procura de um estudo consciente e analítico;
- Ratificar a importância no conhecimento de habilidades motoras e da técnica instrumental atrelada à qualidade sonora e educação auditiva;
- Apresentar um conjunto de regras como pontualidade, respeito, crítica construtiva, observação e ação em grupo;
- Linguagem clara e objetiva, estimulando o grupo com perguntas e respostas;

- Evitar insistir sobre uma única tarefa, enfatizando a importância da motivação na ação ensino/aprendizado.

Todo projeto é estimulado pela leitura e releitura de suas ações, provocando continuidade, rupturas, novos horizontes, mutação. O impacto gerado pela informação, inclusão e ação interdisciplinar foi, até o presente momento, positivo e trilha na valorização da tríade que compõe o projeto pedagógico da universidade: ensino, pesquisa e extensão.

Referência

GONÇALVES, Maria de Lourdes Junqueira; MERHY, Silvio Augusto. **Música através do piano – Prática das habilidades funcionais no uso do teclado como alternativa didática.** IN: *II ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA.1985.* Minas Gerais. *Anais.* São João Del Rey, Minas Gerais: UFMG, 1986.

KAPLAN, José Alberto. **Reflexões sobre a técnica pianística.** João Pessoa: Imprensa Universitária, 1966.

_____. **Teoria da Aprendizagem Pianística:** uma abordagem psicológica. Porto Alegre: Movimento, 1987.

_____. **O Ensino de Piano:** Ponderações sobre a necessidade de um enfoque científico. João Pessoa: Ed. Universitária, 1976.

MONTANDON, Maria Isabel. **Aula de piano ou aula de música?** O que podemos entender por “ensino de música através do piano”. Em *Pauta*, Porto Alegre, v.11, 1995.

REINOSO, Ana Paula. **O ensino de piano em grupo em universidades brasileiras.** Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Música. UNIRIO, 2012.

SÁ PEREIRA, Antonio. **Ensino Moderno de Piano:** Aprendizagem Racionalizada. São Paulo: Ricordi, 1964.